

Nº 13
Volume 03
Julho
2006



Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

FILETAGEMI

Pintura de Carroceria de Caminhão

Vicente Vitoriano Marques Carvalho

As decorações que se fazem nos caminhões são uma instância cultural em que se mantém a histórica superioridade da palavra em detrimento da pintura. A arte da palavra, intelectual e praticada por privilegiados, sempre foi realçada em relação à arte das formas visuais, ofício manual de assalariados ou, em certos momentos da história, tarefa de escravos e subjugados.



Nos caminhões, isso acontece mesmo quando as frases, em geral escritas nos pára-choques, sofrem de pouca criatividade, e as pinturas, estas normalmente feitas nas carrocerias e nos pára-lamas, sobejam invenção e beleza. Mas são as frases que atraem mais a atenção popular, provocam o humor das pessoas, recebem mais comentários, repetições ou cópias. Por sua vez, as pinturas estão ali, inerentes, em seu mudo discurso, ora indicando paisagens, quando figurativas, ora estimulando o olhar nas construções abstratas. Embora não ensejem tanto comentário e popularidade, elas compõem um lugar especial entre as artes e são testemunhas do desejo permanente que têm as pessoas de buscar a beleza em quaisquer situações de suas vidas cotidianas. Essas pinturas abstratas, junto às paisagens dos pára-lamas e aos textos dos pára-choques, compõem esse conjunto verbo-visual

decorativo e constituem uma manifestação artística que é parte da cultura visual brasileira, não obstante as suas origens européias.

Nascidas no contexto das fábricas de caminhões ou nas oficinas especializadas de pintura de carrocerias, elas se associam ao comércio e à circulação de mercadorias e tendem a ficar marcadas como uma arte urbana. Mas isso é apenas parcial. A presença dessa forma artística estende-se ao mundo rural e ao universo cultural das estradas, à figura do caminhoneiro em sua constante mobilidade, seja por grandes cidades, aportando nas centrais de abastecimento e nas ruas de intenso comércio, seja nos menores recantos em que há uma feira livre ou um pequeno ajuntamento de mercearias. Nesse sentido, é uma arte de usufruto absolutamente democrático, pois está às vistas de todos. Apropriadamente, portanto, insere-se na categoria de arte pública, mesmo que, em sua aparente simplicidade,

difira dos portentosos monumentos, da estatuária erudita das praças e dos painéis em fachadas de edifícios. Muitas vezes, para os mais velhos, pode ser associada à pintura das antigas malas de madeira e de papelão, objetos à venda nos mercados e



nas feiras interioranas, estas também móveis, exibidas nos translados daqueles que saíam de seus rincões buscando melhores condições de vida nas grandes cidades.

Hoje comuns em todo o mundo, consta que as pinturas de carrocerias surgiram na Europa, entre Portugal e Espanha, e

delas pode-se dizer que se tratam de tardias descendências das iluminuras medievais, particularmente das chamadas vinhetas, que eram representações de uvas ou de vinhas. Com o tempo, foram tornando-se abstratas em sua configuração e estilizadas

em suas técnicas, mas mantiveram um sentido de justeza compositiva e de refinamento em seu acabado.

Uma outra ascendência das pinturas de carrocerias pode estar na chamada *bauernmalerei*, pintura camponesa de origem na Áustria, na Alemanha e na Suíça,

surgida entre os séculos XVII e XVIII, talvez uma versão rústica de certa pintura maneirista feita para a decoração de móveis e de ambientes domésticos. Também chamada de pintura bávara (da Bavária, região alemã onde se pratica essa arte com maior intensidade), a *bauernmalerei* não é exatamente uma pintura rude por ser campestre. Como dito, como provável sucedâneo rural da pintura maneirista da aristocracia, ela procura, ainda hoje, conservar um certo nível de sofisticação em sua abordagem da fauna e da flora, memória do esforço das pessoas simples do campo em tornar as suas casas visualmente agradáveis.

Na atualidade européia, a pintura de carrocerias sofreu as mudanças próprias da época e define-se por



técnicas próximas a uma abordagem industrial, não obstante continuar sendo produzida por criadores individuais, que são mobilizados por concursos internacionais promovidos

● França.
As tradições artesanais devedoras das práticas medievais ou pós-renascentistas migraram para a América e têm sucedâneos principalmente na Argentina e no Brasil. E, mesmo nesses países, essa tradição tem sido reduzida pelas novas tecnologias e pelas demandas formais, indicando um provável desaparecimento. Isso tem levado alguns artistas, ● usive no Brasil, a reivindicar a manutenção de sua prática, mesmo que aplicada a outros suportes que não exclusivamente as carrocerias de caminhão. Na verdade, já se

configura essa prática alternativa de técnicas usadas para a pintura de carrocerias. Lembre-se, por exemplo, do que se faz nas pranchas de surf, nos capacetes de pilotos e em toda sorte de motos e de bicicletas.

Na Argentina, por exemplo, os artistas

de "tango tipográfico" e teve uma tendência ao desaparecimento em caminhões devido a uma legislação que a proibia, pois foi considerada perigosa por distrair a atenção dos motoristas.

Cabe aqui um comentário sobre as relações entre esse tipo



também trabalham sobre painéis de fachadas e nomes de lojas e estabelecimentos comerciais, assim como em projetos para as artes gráficas, de capas de discos ou de menus de restaurante. Muito popular naquele país, a filetagem (nome que se dá a esse tipo de pintura) é chamada

de pintura e a arte chamada erudita, particularmente no Brasil. No modernismo pictórico, encontram-se os exemplos de Clóvis Graciano (1907-1988), pintor que pertenceu ao chamado Grupo Santa Helena, em atividade nos anos trinta do século XX. Esse artista começou a

pintar, ainda criança, como auxiliar na decoração de carroças e de charretes numa pequena oficina em Leme, no interior de São Paulo. Esse trabalho teria sido fundamental para o treinamento de seu desenho e lhe dado habilidades de execução rápida na criação de figuras e no acabamento de pintura, em geral.

Embora não conste que haja pintado carrocerias, o escultor austríaco, naturalizado brasileiro, Franz Weissmann (1911-2005) montou um atelier na Ciferal, famosa fábrica de carrocerias de ônibus, nos anos cinquenta do século XX. Os comentadores de sua obra vislumbram uma ligação entre a arte abstrata criada por ele e o universo da racionalidade industrial observada nesse momento de sua vida.

Na arte contemporânea, alguns artistas têm não só usado peças de madeira retiradas de carrocerias refugadas como suporte ou elemento de

instalações, mas também têm se apropriado da estilística gráfica das pinturas de caminhões para criar suas obras, como o baiano Gilson Rodrigues.

O tipo de pintura que se faz em carrocerias de caminhão é chamado de filetagem pela característica dos desenhos de linhas delgadas - os filetes. Outra denominação, de origem norte-americana, é *pinstriping*, ou seja, o processo de fazer tiras finas como agulhas. São basicamente três as técnicas para fazer filetagem ou *pinstriping*. A

Gente
Scriptoria **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HELIO GALVÃO
Fones: (84) 211-8241/fax: 211-8790
Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão
Fotografias
Candinha Bezerra
Consultoria
Luiz Assunção
Colaborador
Vicente Vitoriano Marques Carvalho
Doutor em Educação - Prof. Dept. de Artes da UFRN
Revisão
Anna Maria Jasiello
Programação visual
Jussié Costa
nacaopotiguar@uol.com.br





adesivas, num processo bem conhecido em vários ramos da pintura, chamado de mascaramento. Existem fitas adesivas especiais que permitem, com maior facilidade, criar tiras muito finas. A aplicação da tinta tanto pode ser feita com pincel quanto pelo uso de um aspersor ou aerógrafo.

A terceira técnica é facilitada por um aparelho que conduz e deposita a tinta já realizando



mais artesanal é a que se faz à mão livre e exige grande domínio do uso dos pincéis com cerdas muito longas e aparadas

Com maior ou menor apuro, em geral, é essa a técnica que se usa para pintar as carrocerias dos caminhões que se

criado pelo americano Samuel Beno Beugler, nos anos trinta do século XX.

Vista por alguns como algo em extinção, as

já vêm prontas das fábricas. Como muitas outras riquíssimas manifestações da cultura visual de nosso povo, elas são testemunhas da



em formato de bisturi. Por exigir muito apuro técnico do artista, essa é considerada o "ponto alto" das técnicas de filetagem.

costumam ver nas estradas brasileiras.

Uma outra técnica consiste em desenhar as tiras usando fitas

diretamente, e com precisão, as tiras desejadas. O aparelho chama-se *beugler striper* ou simplesmente *beugler*,

pinturas de carrocerias de caminhão, entretanto, se mantêm colorindo as ruas e as estradas brasileiras, não obstante aquelas que

inventividade e da capacidade de adicionar poesia ao mais trivial objeto que esse povo insiste em praticar.

